O ENSINO DE ARTE PARA SURDOS

ROSANGELA MARIA DOS SANTOS

RESUMO

A Arte faz parte da história da humanidade, desde os tempos mais remotos, na era paleolítica o homem das cavernas desenhava símbolos para representar objetos, quantidades, animais, dentre outras coisas. As expressões artísticas e culturais são importantes para a formação do indivíduo, unindo a cultura ao social. Em todas as etapas da Educação Básica e no Ensino Médio, a disciplina de Artes está presente, atualmente, e aprendizagem acontece de inúmeras formas, principalmente pela observação e leitura visual, fatores esses permitem aos alunos surdos interagirem e aprenderem como os outros alunos não surdos. No intuito de explorar a importância e as contribuições das Artes no processo de aprendizagem dos alunos surdos e não surdos esse trabalho foi desenvolvido.

Palavras-chaves: Artes; Surdos; Aprendizagem.

ABSTRACT

Art is part of the history of humanity, since the most remote times, in the Paleolithic era the caveman drew symbols to represent objects, quantities, animals, among other things. Artistic and cultural expressions are important for the formation of the individual, uniting culture with society. In all stages of Basic Education and High School, the discipline of Arts is present, currently, and learning happens in countless ways, mainly through observation and visual reading, factors that allow deaf students to interact and learn like other non-deaf students. In order to explore the importance and contributions of the Arts in the learning process of deaf and non-deaf students, this work was developed.

Keywords: Arts; Deaf; Learning

INTRODUÇÃO

A Arte contempla pinturas, música, teatro, dança, entre outros, a arte é a ligação da cultura com o social, permitindo a união do indivíduo com um todo, a troca de experiências e ideias.

A Arte faz parte da história da humanidade, existe desde a era das cavernas, onde os desenhos eram feitos em pedras, como meio de comunicação, passou por inúmeras mudanças. Atualmente, os desenhos são feitos usando as mais diversas ferramentas relacionadas a Arte e seus conceitos foram ampliados, permitindo muitas transformações sobre si e várias descobertas referentes e cada cultura existente no mundo.

As imagens fazem com que as ideias dos alunos se ampliem diante dos desenhos, desenvolvendo as habilidades e capacidades, tanto de interpretação, como as de compreensão, o que implica na visão de mundo, ou seja, a forma como veem a realidade a sua volta.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 2000, p.19).

As Artes Visuais estão presentes em todas as etapas da Educação Básica e no Ensino Médio. Ela instiga a imaginação e o mundo de fantasia das crianças, possibilitando a representação no papel, no mural de pintura, através da expressão corporal, entre outros, de tudo o que a criança imagina, criando seu próprio mundo.

Durante muito tempo as pessoas surdas foram vistas como pessoas com problemas intelectuais e excluídos do processo de aprendizagem, principalmente pela dificuldade de comunicação e pelo fato de que aprendizagem tem como base o domínio da língua portuguesa. Após a regulamentação de leis no Brasil que permitiram a inclusão de pessoas com deficientes no ensino, muitas mudanças ocorreram e a língua brasileira de sinais, conhecida como LIBRAS, permitiu a comunicação das pessoas surdas através de sinais e passou a ser a língua materna dos mesmos.

O ensino de Arte para alunos surdos deve levar em conta a comunicação através de sinais e metodologias que permitam o desenvolvimento integral dos alunos surdos ou não surdos, permitindo a interação entre os mesmos.

No intuito de explorar as contribuições das Artes Visuais no processo de aprendizagem dos alunos surdos e não surdos esse trabalho foi desenvolvido. Inicialmente, apresenta um breve histórico sobre o surgimento do ensino de Artes no Brasil, em se-

guida, a importância da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS para a comunicação e interação com os alunos surdos, e por fim, a abordagem do ensino de Arte para os alunos surdos, destacando o uso de metodologias e as contribuições para o desenvolvimento integral do aluno surdo e todas as possibilidades de aprendizagem contempladas na Arte.

1. BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

A Arte faz parte da história da humanidade desde os tempos mais remotos. No Brasil, antes chegada dos portugueses, no século XVI, a arte já fazia parte da cultura indígena. Os portugueses trouxeram para o Brasil influências artísticas renascentistas e do começo da fase barroca, oriundas da cultura europeia.

A invasão dos holandeses ao nordeste brasileiro, no mesmo século, trouxe muitos artistas holandeses que retrataram a paisagem, os índios, os animais, a fauna, a flora e o cotidiano do Nordeste, através da pintura.

Entre os séculos XVI e XIX, na arte, teve destaque as esculturas para decoração das igrejas com características religiosas. Os artistas utilizavam as matérias-primas típicas do Brasil, inclusive o ouro para mostrar o poder da igreja.

No início do século XIX, durante o governo de Dom João VI, muitas mudanças ocorreram no cenário cultural da colônia, chegando pintores e escultores comprometidos como ideal do neoclassicismo. Chegando ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, sendo criada a Academia Imperial de Belas Artes, onde foi instalado oficialmente o ensino de Arte nas escolas.

O final do século XIX e início do século XX, foram marcados pela fusão de estilos artísticos europeus, como o impressionismo, o simbolismo, o naturalismo, romantismo e o expressionismo. Nesse período, o ensino do desenho foi considerado como uma preparação para o trabalho em fábricas e serviços artesanais.

Na metade do século XX, foi realizado em São Paulo a Semana de Arte Moderna, um marco muito importante para a Arte. Nessa semana vários artistas comprometidos a mudar a cara da arte nacional se apresentaram, quebrando os padrões europeus, valorizando a identidade nacional e apresentando uma arte tendo como cenário de fundo as paisagens brasileiras e o povo brasileiro. Mesmo com a efervescência das manifestações, o ensino seguiu as tendências da escola tradicional, que defendia a necessidade de copiar modelos europeus.

No governo de Getúlio Vargas, em 1930, o compositor Heitor Villa Lobos, instituiu o projeto de canto orfeônico nas escolas, formando corais que se devolveram pela memorização de letras de músicas de caráter folclórico e cívico.

Nas décadas de 1950 e 1960 surgiu o concretismo, movimento marcado de arte abstrata marcado pelo uso de figuras geométricas e pela elaboração baseada no raciocínio, foi criado pelo grupo paulista Ruptura. No Rio de Janeiro, surgiu o grupo Frente que contesta a arte concreta dando início ao neoconcretismo, sendo elaboradas obras de arte valorizando a luz, o espaço e símbolos. Em seguida, o informalismo lírico e gestual marcou a arte abstrata e os meios de comunicação que proporcionaram a exploração de temas para a produção de obras de arte engajadas à política.

Na década de 70, novos sistemas e meios foram utilizados nas obras de arte, sendo inserida tecnologia para promover interação entre a obra e o espectador, pinturas em spray em locais públicos, uso dos meios postais para criação de obras de arte e uso do teatro e da dança em conjunto com as obras.

A década de 80 foi marcada pelo resgate dos meios artísticos tradicionais, fortalecendo a arte conceitual e o abstracionismo, tendo a interferência dos meios tecnológicos, o que possibilitou o surgimento do videoarte.

Na década de 90, as discussões sobre a história e os conceitos artísticos ganharam importância e influenciaram o uso de tecnologias, a desconstrução da arte, a aproximação da arte e do mundo real e a globalização da Arte.

A disciplina de Arte, inicialmente chamada de Educação Artística, passou a ser obrigatória a partir da Lei nº 5292/71, nos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, no entanto, não era considerava uma disciplina, apenas como "atividade educativa", embora seguisse os mesmos parâmetros das outras disciplinas. De acordo com Iavelberg (2003, p. 115), havia uma contradição "os professores tinham que explicar objetivos, conteúdos, métodos e avaliações. Incertos, baseavam se em livros didáticos de péssima qualidade".

A Constituição de 1988 trouxe no inciso II do artigo 206, após muitas discussões sobre educação e manifestações sobre o estudo de Arte nas escolas, dentre os princípios de base para o ensino, a "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber".

A LDB nº 9.394 de 1996, tornou o ensino de Arte obrigatório, apresentando no seu artigo 26 que: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (BRASIL, 1996). Houve em 2010, nesse artigo, uma modificação, sendo acrescen-

tado a valorização das expressões regionais.

A presença da Arte na Constituição Federal de 1988 e na LDB deve-se aos inúmeros movimentos a favor da arte na educação. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento elaborado como referência para os currículos escolares:

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal. O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área. As ideias e princípios que fundamentam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arteeducadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa em Arte. (BRASIL, 1997, p. 30).

Para Gouthier (2008, p.19), "junto com a nova LDB, é extinta a Educação Artística e entra em prado a disciplina Arte, reconhecida oficialmente como área do conhecimento".

2. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

A educação direcionada aos surdos valorizando-os segundo suas habilidades e competências, através de sinais, foi desenvolvida por L'Épée, na França, em meados de 1760. De acordo com Reily (2004, p. 116), "a iniciativa de L'Épée revolucionou as possibilidades de educação, comunicação, interação e cidadania para os surdos, um grupo que se encontrava marginalizado e excluído até então".

As pessoas surdas durante muito tempo foram consideradas como dementes, como pessoas com problemas intelectuais. Segundo Goldfeld (1997) apud Araujo ET al. (2015, p.1):

Os surdos eram tratados com piedade e vistos como pessoas castigadas pelos deuses, sendo abandonados ou sacrificados. A surdez e a consequente mudez eram confundidas com uma inferioridade de inteligência. E até o século quinze foi visto como uma pessoa primitiva que não poderia ser educado.

Essas concepções levaram um longo tempo para serem desmistificadas. A partir de 1760 a educação para os surdos ganhou espaço na sociedade, sendo desenvolvidos vários métodos até chegar à utilização de sinais.

No Brasil a utilização de sinais para a comunicação com pessoas surdas desenvolveu-se a partir da fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no século XIX, quando Dom Pedro II convidou o francês Ernest Huet para ensinar surdos aqui.

A comunicação por meio de uma língua de sinais é uma prática antiga na história da humanidade, e já na Grécia Antiga havia relatos de pessoas que se comunicavam por sinais. Historicamente, o surdo foi figura marginalizada e vítima de preconceito, mas, nos últimos anos, uma série de medidas de inclusão foi realizada no Brasil. A partir da Constituição de 1988 se abriu espaço para que fossem regulamentadas leis para garantir o acesso do surdo a uma educação pública e de qualidade.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III- atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

Dessa forma, ficou garantido ao aluno surdo, por lei, o direito de um acompanhamento especializado. A Lei nº 10.436 de 2002, reconheceu a língua brasileira de sinais, como segue:

Art. 1o É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A regulamentação de leis reconhecendo a Libras e os direitos da comunidade surda brasileira contribuíram para garantir a inclusão dessa comunidade. A partir da Libras, o bilinguismo passou a ser um dos meios utilizados no processo de ensino aprendizagem, possibilitando aos surdos aprenderem a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, sendo a Libras considerada como primeira língua.

De acordo com Goldfeld (1997 apud JESUS; NERES 2015, p.5), "a filosofia Bilingue diz que o surdo deve adquirir a língua de sinais como língua materna e a de seu país

como segunda língua". Assim, os direitos dos surdos de ter a língua de sinais como sua língua materna corrobora para sua inserção no processo de ensino aprendizagem.

O ENSINO DE ARTE PARA ALUNOS SURDOS

A partir da LDB o ensino de Arte alavancou, trazendo a Arte como essencial para a formação do indivíduo

Incorporar os mais comprovados princípios de uma pedagogia da qual todas as crianças possam se beneficiar. A Educação Especial assume que as diferenças humanas sejam normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem. Uma pedagogia centrada na criança é benefícial a todos os estudantes, consequentemente, a sociedade como um todo. (BRASIL, 1994, p.4).

O ensino de Arte para os alunos surdos não é diferente do ensino para os alunos não surdos, o que difere é a forma de expressar e sentir, tendo em vista, que a língua brasileira de sinais, conhecida como Libras é a primeira língua para os alunos surdos. Portanto, a metodologia de ensino para os alunos surdos deve ser pensada de forma a beneficiar a integrá-lo com os não surdos, de forma que todos tenham a possibilidade de interagir e construir conhecimento.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 2000, p.19).

Nesse sentido, pode-se dizer que a Arte é a junção da cultura com o social, permitindo a união do indivíduo com um todo, trocando experiências e ideias. O corpo em movimento está diretamente ligado a Arte, ele diz muito sobre o ser humano, o que quer dizer, expressar, demonstrar, assim sendo, a arte ganha espaço e papel para contribuir na compreensão e desenvolvimento da linguagem visual. "A arte pode carregar significados que outras linguagens não dão conta de expressar" (BARBOSA, 2012b: 18).

A Arte pode ser representada de diferentes formas para os alunos com deficiência auditiva, dentre elas as artes visuais, a dança, o teatro.

- As artes visuais estão diretamente ligadas a sensibilidade e afetividade, através de desenhos, pinturas, esculturas, modelagem, gravura, história em quadrinhos, arquitetura, fotografia, artes gráficas. Para a aplicação dessas atividades o professor deve ter como foco trabalhar a percepção, imaginação e sensibilidade do aluno.

- A expressão corporal, ou dança, visa trabalhar o corpo, movimentos, o espaço, a plasticidade e potencialidades motoras, trabalhando a atenção, foco, percepção, permitindo que o aluno se expresse de forma corporal e de maneira inteligente, autônoma, responsável e sensível.

- O teatro na disciplina de artes colabora para o desenvolvimento de forma integral, ensinando a refletir, lidar com diferenças e aceita-las. Permite a expressão de sentimentos e emoções, uma vez que a pessoa com deficiência auditiva não teve contato com a fala, logo se torna insegura sobre o mundo e o que a cerca.

O aluno surdo tem seu foco para o visual, o que a vista alcança, podendo expressar sentimentos, emoções, colocando em peso a necessidade da linguagem visual, ou seja, da Libras.

A utilização das imagens é o recurso primordial na metodologia de ensino para surdos, e, de acordo com as leituras realizadas, os alunos surdos se saem muito bem durante as atividades artísticas e para isso a orientação do professor para atingir este sucesso é relevante.

Em arte a leitura de imagem se trata de um processo pessoal, envolvendo três vertentes, a leitura da imagem, o conhecimento histórico adquirido e o exercício prático. Ao interpretar uma imagem, o aluno tem ali a oportunidade de se desenvolver, o aluno surdo enxerga a arte, é provocado naquele momento a uma mudança, ele dialoga com o objeto que não depende diretamente da fala.

Por isso é importante que o contato com a obra não se resuma apenas ao que o aluno pode produzir a partir dela, mas, conhecendo o contexto de sua produção, compreenda o que ela pode ter dito a outras pessoas, em outros tempos, e permita que ela lhe diga algo hoje. O fazer, para contribuir com este diálogo e transformação, precisa ser consciente e informado (BARBOSA, 2012a: 33).

Dessa forma, obtêm-se uma abordagem triangular da Arte, ao utilizar as três vertentes, que possibilitam interpretar a imagem, em alguns casos compreender seu contexto histórico. A realidade do surdo tem o mesmo embasamento, uma vez que, os surdos não captam o contexto do que é exposto para ele, pois o mesmo não domina plenamente a língua majoritária.

Na verdade, as experiências perceptivas desenvolvidas segundo a abordagem

multissensorial possibilitam melhor compreensão da realidade, bem como das representações humanas e do meio ambiente, da mesma forma que exercitam e estimulam as potencialidades perceptivas de pessoas com ou sem deficiências e amplia as capacidades de reconhecimento e apreensão do mundo. (TOJAL, 2007, p. 104)

O aluno surdo tem capacidade de se desenvolver tão bem quanto um ouvinte, basta analisar outros aspectos, como a forma em que a aprendizagem chega até este aluno, entender que a visão é o seu canal principal, porém não único, ou seja, não é limitado apenas ao que consegue enxergar, mas a vivência multissensorial a partir de objetos apreciados tem um grande peso e importância tanto para o desenvolvimento, aprendizagem e interpretação de imagens.

Para Raugust (2014, p. 69),

A arte também é transformação, e por meio dela o pensamento da criança é potencializado quando ela desenha, pinta ou produz alguma arte, sendo que para isso, ela reúne elementos de sua experiência e vai dando novos significados a si, transformando-se.

A arte contribui de forma significativa no desenvolvimento do aluno em todas as etapas de ensino. Para tanto, se torna necessário que os professores estejam habilitados para o uso da comunicação através de sinais, de forma que o aluno surdo seja incluído e não tenha seu desenvolvimento comprometido.

Infelizmente, o atendimento aos alunos surdos tem sido um problema nas escolas, uma vez que os professores não são preparados para uma comunicação através de libras, mas sim da língua portuguesa, outro fator que compromete o processo de aprendizagem dos alunos surdos é o fato dos livros didáticos que não são adaptados para o uso de qualquer tipo de aluno, apenas para alunos sem alguma necessidade especial.

Os professores precisam desenvolver suas aulas com os poucos recursos que possuem, as aulas práticas de Arte possibilitam a inclusão, mas durante as aulas teóricas não há recursos suficientes para englobar a aprendizagem de forma integral para todos os alunos.

A Lei nº 10.098 de 2000 exige que seja rompido as barreiras criadas no sistema de comunicação, permitindo o direito a todos de se comunicar e interagir recebendo informações, incluindo aos deficientes auditivos e todos, sem exclusões.

Os professores devem ter conhecimento da arte surda, meios de aplicá-la para que o aluno não esconda sua arte, seu talento, o educador deve estar preparado para mediar o aprendizado, a arte que o aluno precisa desenvolver e o seu talento que traz consigo sobre a arte.

A família também deve apoiar e incentivar que o aluno mostre e expresse sua arte, um estudo feito levanta dados importantes, em que alunos surdos possuem dons próprios para a arte de expressão corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte passou por várias transformações ao longo da história da humanidade e em muitas ocasiões representou manifestações políticas e de protesto, passou por várias fases que contribuíram para a construção da cultura de vários povos. Na educação, inicialmente, não era reconhecida como disciplina, apenas a partir da LDB, passou a ser de ensino obrigatório.

A arte na educação é transformadora, por meio dela o pensamento do aluno é potencializado quando ele desenha, pinta ou produz alguma arte, sendo que para isso, ele reúne elementos de sua experiência e vai dando novos significados a si, transformando-se.

O ensino de arte para alunos surdos requer do professor uma metodologia que englobe a língua brasileira de sinais e que permita a interação entre alunos surdos e não surdos. Atualmente, a maioria das escolas públicas não tem professores que conhecem a Libras e possam atender os alunos não surdos de forma inclusiva.

A utilização de imagens no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos é um recurso primordial, pois o mesmo tem seu foco no visual, o que permite melhor desempenho nessas atividades.

O processo de aprendizagem para o aluno surdo seja em Arte ou qualquer outra disciplina, requer que seja considerada como sua língua materna a Libras e a Língua Portuguesa como segunda língua.

As metodologias utilizadas em Arte devem ser aplicadas de forma a contemplar todos os alunos surdos e não surdos, de forma que garantida a formação integral de todos e dos direitos dos alunos surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, D. M. S.; SILVA, M. C.; SOUSA, W. P. A. A influência da LIBRAS no processo educacional de estudantes surdos em escola. 2015. Disponível em:

files.portaldossurdos.webnode.pt.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no en-

sino de arte. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRASIL. Constituição da R e - pública Federativa do Brasil, 1988

_____.Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Lei n° 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências.

_____. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Dispõe sobre Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência ou com Mobilidades Reduzidas. _____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais – arte. Brasília: MEC/SEF, 2000.

GOUTHIER, J. História do Ensino da Arte no Brasil. In: PIMENTEL, Lucia G. (Org.). Cursode especialização em ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

IAVELBERG, R. Para gostar de aprender arte: sala de formação de professores. PortoAlegre: Artmed, 2003.

NERES, C. C; JESUS, C. K. A aquisição da Libras por um estudante surdo: um estudo de caso. Disponível em: http://docplayer.com.br/29385448-A-aquisicaodalibras-por--um-estudante-surdoum-estudo-de-caso.html.

RAUGGUST, Mayara Bataglin. Ver-se e narrar-se: os processos de subjetivação de três artista surdos. 2014. Disponível em: http://www.sbece.com.br.

REILY, L. Escola inclusiva: Linguagem e mediação. São Paulo: Papirus, 2004.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. Políticas Públicas de Inclusão Cultural de

Públicos Especiais em Museus. São Paulo, ECA-USP, (Tese de Doutorado),

2007. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/ tde-19032008- 183924/ Site com informações sobre Programas de Acessibilidade em Museus e publicações da autora: www.arteinclusao.com.br/publicações